



GIL VICENTE

Semanário monarchico-Integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: Aven. do Comercio, 104

Director — D. José Ferrão
Editor — M. A. d'Oliveira
Comp. e imp.: TIP. LUZITANIA
Rua Gravador Molarinho, 47
GUIMARAES

VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepolones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VÁQUEIRO*

AS ELEIÇÕES EM FRANÇA

A FALENCIA DO SUFRAGIO POPULAR

Eis aqui uma lição enorme e retumbante para aqueles monarchicos, conservadores e quejandos que ainda acreditam na possível restauração da Monarquia ou duma formula de salvação nacional pelo meio suave e mirífico das urnas.

Que todos os inimigos da Violencia ao serviço da Nação ponham aqui os olhos e meditem... O sufragio popular, senhores liberalistas, é isto! Quando a reacção nacionalista toma as proporções fulgurantes do actual pensamento francez nas Escolas, na alta cultura, na direcção suprema das intelligencias o *sufragio popular* consultado sob o caminho que convinha seguir para os destinos da França, responde: a Anti-França, o Internacionalismo: quando — é Pierre l'Hermite que o diz no jornal parisiense *La Croix* — «Assistimos a um revigoramento religioso... as elites tornam a voltar-nos... os homens são inumeráveis nas nossas igrejas... temos uma *Camara* anti-clerical», finalmente quando a Alemanha mostra as mais inquietantes provas da sua sede de *révanche* atirando para o seu parlamento os Ludendorff, os von Tirpitz e um colossalissimo numero de votos para as Direitas nacionalistas e monarchicas, e; quando dezenas de milhares de antigos combatentes, mocidade indomavel e enraivecida, erguem a sua voz clamorosa entoando canticos de guerra em torno da estatua de Moltke, o sufragio popular francez confia a defesa do seu paiz a um Malvy que a *Haute-Cour* condenou por negligencia e traição no seu lugar de ministro durante a guerra, a um Marty amotinado e traidor, que quiz entregar uma divisão naval aos *soviets* em plena guerra... a toda uma esmagadora maioria parlamentar de internacionalistas e confessos aliados do tradicional inimigo da França,

Senhores liberalistas: eis uma eloquente lição do sufragio popular! Deante dela, perante a grandeza temerosa do desastre, veja-se como nós, os Integralistas, temos razão.

Quem ha ahi que nos acuse ainda de sectarismo feroz e estreito nas nossas justissimas criticas ás mentiras criminosas do Liberalismo e da Democracia assassinas?

Não podemos deixar de nos rir agora quando vemos os jornais do Bloco Liberal-Democrata francez, chamado Bloco Nacional, atirando as culpas para o sr. Poincaré que no seu puritanismo de derradeiro Liberal não quiz tocar na engrenagem administrativa do Estado deixando assim de pé a maquina eleitoral dos *Caillaux* e dos *Malvy*, nem quiz pezar com o seu nome, os seus gestos e as suas palavras no sentido duma clara sugestão eleitoral, entregan-

do assim o eleitor á sua livre consciencia... e dos seus interesses immediatos. Evidentemente!

O procedimento do sr. Poincaré foi o unico correcto, o unico aconselhado pelos principios que orientam os inconsequentes membros do Bloco Nacional. Estava mesmo inscrita na Constituição a conduta do chefe do governo agora batido. Pois claro! *Eleições livres!*

A consciencia esclarecida e honrada do eleitoral competia decidir! Substituir as autoridades administrativas por gente da sua confiança, indicando o caminho ao eleitorado servindo-se do caminho do Poder, era ou não querer rasgar os sagrados Direitos do Homem conquistados pela Revolução, era ou não depositar pouca confiança nos *altos principios* que põem no sufragio popular a suprema e esclarecida soberania?

O sr. Poincaré estava dentro da logica das suas ideias; o Bloco é que não está. Se se nega a intelligencia, a sabedoria e a liberdade do sufragio, o que fica? o que triunfa? Evidentemente: a Contra-Revolução.

Esta é, ó integralistas, a conclusiva lição das ultimas eleições em França.

Temos recebido nestes ultimos dias uma larga correspondencia de amigos nossos onde se traduz uma grande magua pela não reeleição de Daudet. Nesta embrulhada de contradicções que é a imprensa conservadora portugueza e que mais do que o odio dos radicaleiros contribue para a desorientação geral em que a Nação se morre, o caso Daudet é ainda para grande parte destes amigos não só uma angustia como uma interrogação.

Ora, assemelha-se-nos que não há inteira razão para a funda amargura dos integralistas que nos escrevem, por dois motivos, entre outros: numa camara que desde o dia 1 de Junho ficará presidindo aos destinos da França o lugar de Daudet, se sempre se prestava para triunfos pessoais que o grande tribuno não deixaria de conquistar, em pouco contribuiria, talvez, para a solução definitiva do *gachis* que a composição da camara creou; depois, a acção parlamentar da A. F. arriscaria, talvez, pela sua intensidade que teria de ser absorvente, a deixar para um plano secundario a verdadeira e unica acção resgatadora que tem de ser, lá como cá, *fóra da lei!*

Que a não reeleição de Daudet represente tambem um esmagamento da «Action Française» nada menos exacto e portanto dali não pode nascer motivo de angustia para os amigos da Fran-

ça e espiritos contra-revolucionarios. Não! Daudet com os seus amigos foram vitimas da onda esquerdista que se serviu da maquina eleitoral deixada pelo sr. Poincaré estúpida (isto é: liberalmente) nas mãos dos seus inimigos — autoridades administrativas, policiaes, etc., — e que foi a contra-partida da politica timida e legalista do *Poincarésimo*

A A. F. não é de resto como se sabe um agrupamento eleitoral. Não tem uma organização destinada a esse fim para ella secundario. Todavia a eleição de Daudet não deixava duvidas para ninguém e teria alcançado o melhor exito se não acontecesse em França como cá que o peor inimigo dos *integralistas* está sempre nos chamados conservadores.

A attitude desassombada do chefe da A. F. não convinha, evidentemente, ao oportunismo dum Goyau e outros «moderados» que nós aqui chamariamos *conselheiros*. Dahi a formação *á ultima hora* duma cabala — Goyau — «Figaro», «ECHO de Paris», «Revue de Deux Mondes», «Libre Parole», etc., que com a melhor das intenções de salvarem no 3.º sector de Paris o «Bloco Nacional», *moderado, bem-pensante e Maçon*, e que eles supunham vitorioso em toda a França..., *sabotaram* as listas da A. F.

Daudet teve ainda assim votos bastantes para ser eleito: 17.424 votos; mas a manobra *conservadora* roubando os votos aos companheiros de lista do chefe nacionalista e deixando-lhes apenas a média de 13.513 votos impediu o quociente que o levaria á Camara.

Como acima dizemos, porém, talvez assim fôsse melhor... A extrema-direita que conserva ainda 18 deputados, está nas condições de Mussolini quando com 15 marchou e conquistou Roma. Escreve, Deus, direito por linhas tortas.

ROLLÃO PREFEITO.

Das Letras

POETAS & PROSADORES

A Grande Novela — A Promessa.

A *Promessa* é uma paisagem da vida campestre ingenua e simples, decorrendo numa aldeia do Ribatejo, «entre as lezírias sem fim onde os toiros passeiam a sua bravura, e o Tejo, onde a população ribeirinha pesca a eiró e o savel.»

É uma novela regional, um conto de amor, salpicado por vezes de algumas passagens demasiado realistas.

No entanto a sua leitura é agradável e o entrecho é bom e bem escolhido.



Junho prodigo

Restruge a Côr, em mil deslumbramentos.
O sol, espalha, em torno, os seus erarios;
Fantasticos Tesoiros milenarios,
Resurgem; sobre um chão de encantamentos:

Oiro novo das giestas; penugentos
Musgos, em tom de velhos relicarios;
Rosmanaes de ametistas; incendiarios,
Purpureos trévos, lampejando aos ventos.

Pontifica a verdura: (Das espaldas
Da serra, tomba um manto de esmeraldas.)
A opala e a rosa, servem-lhe de acólitas.

Safiras de água. Esmalte das lavoiras;
Papoilas de rubim; searas loiras,
Em ondas de topasios e crisólitas...

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.

VIVA GUIMARÃES!

Foi ali a dois passos, na antiga e abandonada igreja de Santa Clara, onde a nossa piedosa devoção moça tantas vezes assistiu ás lindas e comovedoras novenas do *Mez de Maria*, entre o suave perfume das rescentes flores primaveris que engalanavam um doirado altar, que nós assistimos ao descalabro!... Dir-se-hia que um mau vento de desgraça açoitou a nossa terra! Que um destino impiedoso a persegue e atormenta! Hontem era o mimoso e pequeno templo das Capuchinhas, impregnado dum fundo misticismo religioso, hoje a formosa igreja das antigas freiras claristas! E tudo vendido por uma «côdea» Deus do céu!

Debalde inquirimos nós próprios, perguntando a causa desta má sina. Então Guimarães não tem direito a conservar as suas reliquias do Passado, a venerá-las com carinho, pelo simples motivo de as ter abrangido uma lei demolidora e anti-patriótica? Porque não havemos de impedir que essa lei destrua, sem consideração alguma, os nossos documentos de arte antiga, quer seja religiosa ou profana? Como é que Guimarães há de sobreviver á *débaçle* iconoclasta?

Ainda bem que, de longe a longe, um grito de revolta se ergue, partido de corações sensiveis e patriotas que se não conformam

com a indiferença geral... Assim acontecer naquella fatidico e historico domingo, que representa uma página lutuosa para a nossa terra.

Alguns vimaranenses, de boa tempera, salvaram a bela capela-mór, preciosa talha do seculo XVII. Como nessas vitrines se anunciou, é sua intenção levá-la para a nossa encantadora Penha! É ella que é tão pobresinha... Honra lhes seja feita e que a subscrição pública que vão iniciar seja coroada do mais retumbante éxito é o que sinceramente lhes almejamos.

Eram do teor seguinte os impressos afixados:

VIMARANENSES!

A Comissão Central da Lei de Separação, pelo Ministério da Justiça e dos Cultos, acaba de mandar proceder, em hasta pública, á arrematação do mobiliário, alfaias e imagens da extinta igreja de Santa Clara. Não obstante os esforços empregados pela Sociedade Martins Sarmento no sentido de reclamar junto do Governo a conservação d'aquellas preciosidades artisticas em Guimarães, o leilão effectuou-se por delegados do mesmo, assistindo alguns vimaranenses, com infinda mágua, á sua condenação.

Foi então que, num d'estes impulsos felizes, n'um d'estes gestos nobilitantes, dois ou tres vimaranenses, ouvindo fazer o primeiro lance ao escriptorio do altar-mór, verdadeira joia da Renas-

